



MONETARY REMEDY FOR THE ANGOLAN ECONOMY IN THE FRAMEWORK OF COMBATING THE EFFECTS OF COVID-19

O Remédio Monetário para Economia Angolana no quadro do combate dos efeitos da COVID-19

Amilcar Sawindo Sanjimbi

Universidade Mandume ya Ndemofayo, Angola.

E-mail: amilcarsanjimbi@gmail.com

ABSTRACT

The purpose of this article is to assess the impacts of the monetary policy instruments adopted in Angola, within the framework of covid-19. Despite the vast literature associated with the understanding of inflationary processes, the option is to use the quantitative currency equation as a starting point, that is, the article presents the confrontation of two approaches, on the one hand, Milton Friedman's monetarists and on the other side the Structuralism of Raúl Prebisch. Based on the quantitative theory of money, Milton Friedman presents inflation as a purely monetary problem, while Prebisch, based on the fundamental assumptions of the market, presents inflation as well as a result of changes in real variables. The article ends by making a relatively historical incursion. inflation in Angola during the first quarter of 2020, showing that the monetary remedy for Angola should in fact result from a combination of the two approaches.

Keywords: Price inflation, Monetary policy, Monetarists, Structuralism.

ACEITO EM: 24/04/2020

PUBLICADO: 30/09/2020



RISUS - Journal on Innovation and Sustainability
volume 11, número 3 - 2020
ISSN: 2179-3565
Editor Científico: Arnaldo José de Hoyos Guevara
Editor Assistente: Rosa Rizzi
Avaliação: Melhores práticas editoriais da ANPAD

O REMÉDIO MONETÁRIO PARA ECONOMIA ANGOLANA NO QUADRO DO COMBATE DOS EFEITOS DA COVID-19

Monetary Remedy for the Angolan Economy in the framework of combating the effects of COVID-19

Amilcar Sawindo Sanjimbi
Universidade Mandume ya Ndemofayo, Angola.
E-mail: amilcarsanjimbi@gmail.com

RESUMO

O objectivo do presente artigo é o de avaliar os impactos dos instrumentos de política monetária adoptados em Angola, no quadro da COVID-19. Apesar da vasta literatura associada à compreensão de processos inflacionários, opta-se por usar a equação quantitativa da moeda como ponto de partida, ou seja, o artigo apresenta o confronto de duas abordagens, de um lado os monetaristas de Milton Friedman e do outro lado o Estruturalismo de Raúl Prebisch. Baseado na teoria quantitativa da moeda, Milton Friedman apresenta a inflação como sendo um problema puramente monetário, já Prebisch, baseado nas premissas fundamentais do mercado, apresenta a inflação como também um resultado de alterações nas variáveis reais. O artigo termina fazendo uma incursão histórica relativamente a inflação em Angola durante o primeiro trimestre de 2020, apresentando como resultado que de facto o remédio monetário para Angola deveria resultar de uma combinação das duas abordagens.

Palavras-chave: Inflação de preços, Política monetária, Monetaristas, Estruturalismo.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos basicamente a visão de dois grandes grupos de economistas os monetaristas e os estruturalistas, relativamente ao problema da inflação e sua maneira de mitigá-lo.

Nosso objectivo é de facto avaliar se as medidas monetárias adoptadas pelo governo angolano para mitigar os efeitos da Covid-19, enquadram-se em que perspectiva e quais seus impactos. Este objectivo visa responder uma pergunta de partida que dá nome ao artigo: que remédio monetário mais se ajusta na economia angolana no sentido de mitigar os efeitos inflacionários no período Covid-19? Pode-se dizer, que esta pergunta será respondida recorrendo aos métodos bibliográfico e analítico que nos permitirão comparar as duas perspectivas e posterior conclusão.

Quanto as duas visões, um que acredita que a moeda é fundamental, que é ela que determina a prosperidade ou a ruína de um país, ela é que causa ou não inflação etc. O papa dessa escola é o economista americano Milton Friedman¹, que acredita que o Estado não tem de se meter em absoluto na economia, a qual deve ser gerida pela sociedade civil, ou seja, pelos capitalistas. Para Friedman, a única função que o Estado tem na economia é regular o volume de moeda de forma tal que ele não cresça mais do que a própria produção, ou seja, do que Q . Se M crescer junto com Q , supondo V constante, os preços não podem crescer, a inflação será zero e estaremos no melhor dos mundos. Todavia, nem todos adoptam e concordam com a posição extrema de Milton Friedman, mas é grande o número de economistas que acreditam que o que se faz com o M tem muita importância para a economia. A outra parte dos economistas- os estruturalistas têm como pai, o economista Raúl Prebisch². A Economia Estruturalista é uma abordagem da economia que enfatiza a importância de levar em conta características tipicamente estruturais ao empreender a análise económica, acreditam que o que é importante é o que as empresas produzem, se elas dão mais ou menos emprego, como se dá a distribuição da renda. A moeda, em última análise, é um epifenômeno, é mais ou menos um reflexo do que acontece do lado real da economia. Ela pode ser usada como freio para o crescimento da economia. Mas não se pode fazer o contrário, ou seja, fazer com que uma economia que não está crescendo passe a crescer através da manipulação da moeda. Como disse Galbraith(1961)³, a moeda é como um barbante: dá para puxar, mas não para empurrar. Essa é a outra posição. É no fundo esta controvérsia entre monetarista e estruturalistas que nos dará um meio termo e apresentar como remédio para a inflação angolana.

Sendo assim o presente artigo está estruturado em Introdução, Revisão da literatura, Considerações finais e termina com as Referencias Bibliográficas.

¹ Foi um economista estatístico norte americano que lecionou na Universidade de Chicago por mais de três décadas. Foi prémio Nobel de economia em 1976, com sua pesquisa sobre a análise do consumo e a teoria e história monetária.

² Raúl Prebisch (Tucumán, 17 de abril de 1901 — Santiago do Chile, 29 de abril de 1986) economista argentino. Foi o mais destacado intelectual da CEPAL, tendo iniciado a linha estruturalista do pensamento econômico. Foi director e fundador da revista de coordenação económica para América latina (CEPAL). Prebisch começou com argumentos de que a desigualdade económica e o desenvolvimento distorcido eram uma característica estrutural inerente à troca global do sistema. Assim, os primeiros modelos estruturalistas enfatizavam os desequilíbrios internos e externos decorrentes da estrutura produtiva e suas interações com a relação de dependência que os países em desenvolvimento tinham com o mundo desenvolvido.

³ John Kenneth Galbraith, foi um economista e escritor estado-unidense, fortemente influenciado por posições keynesianas e institucionalistas.

1. REVISÃO DA LITERATURA

1.1 A teoria quantitativa da moeda

Grande tem sido o debate efectivamente sobre causas e origens da inflação, atingindo seu nível mais alto do diálogo quando os monetaristas apresentaram a inflação sobretudo como um fenómeno monetário, a partir do enunciado da chamada teoria quantitativa da moeda assim apresentada por Dornbusch et all (2009):

$$\frac{M \times V}{Q} = P.$$

Onde: P são os preços; Q a quantidade de mercadorias que são compradas e vendidas num país durante um período, digamos de um ano; V é a velocidade média de circulação, isto é o número médio de vezes em que a mesma unidade monetária foi usada para alguma transação e M é a quantidade de moeda que havia durante este ano para fazer essas transacções.

Segundo Mankiw (2008), diz que o control de M é responsabilidade das chamadas autoridades monetárias, no caso específico de Angola é do Banco Nacional de Angola (BNA). Consequentemente o BNA tem o direito de decidir basicamente quanto de moeda legal vai circular e quanto de depósitos bancários poderão ser criados pelos bancos, através da fixação do encaixe, o mesmo é dizer o banco central calcula a base monetária do sistema, a partir da qual os inetermediários financeiros geram moeda e crédito.

Móchon (2006) diz que a Base monetária é constituída pelos passivos monetários do banco central, nomeadamente: a moeda em especie em mão do público, reservas bancarias, moeda em especie em mãos do sistema crediticio, activos de caixa ou reserva do sistema bancário.

A citação acima nos faz perceber que nesse processo de criação de moeda entram em jogo três agentes:

1. O banco central, que em virtude de suas funções, cria a base monetária e influi na conduta do sistema bancário;
2. O sistema bancário, cujo comportamento origina um processo expansivo por meio do qual os activos de caixa gerados pelo banco central se multiplicam, graças a um processo de criação de moeda e crédito;
3. O público, ou seja, particulares e empresas que decidem como distribuir seus activos financeiros.

Na perspectiva dos monetaristas, sendo a inflação um fenómeno monetário, e sendo o banco central a autoridade responsavel por tal fenómeno, depreende-se que a inflação seria um problema resultante das decisões do Banco central, no caso em análise, inteira responsabilidade do BNA, (Milton Friedman, 1982).

O entendimento disso absorve-se muito rapidamente a partir da análise das fontes de criação da base monetária.

1.2 Fontes de Criação da Base Monetária

As fontes de criação da base monetária são os activos (reservas em divisas, créditos ao sistema bancário e os títulos) que respaldam a base monetária, (Móchon, 2006, pag. 2006).

Segundo Singer (1983), toda expansão dos activos do banco central, seja ela produzida via incremento das reservas em divisas, aumento da liquidez do sistema bancário ou crédito de operações de mercado aberto, sem que ocorra mudança nos passivos não monetários, conduz a uma expansão da base monetária.

Da mesma maneira, toda diminuição dos passivos não monetários do banco central, sem modificação dos activos em seu poder, conduz também a uma expansão da base.

O Controle ou não do crescimento da base monetária, faz-se mediante instrumentos que o banco central tem em sua posse.

Móchon (2006), referindo-se como isto pode ser possível, diz que se o banco central baixar a taxa de juros oficial ou de referência, no caso do BNA é a taxa de juros básica, aumentará o volume de créditos concedidos aos bancos comerciais, incrementando o activo do banco do balanço do banco central e, portanto, aumentando a base monetária e com ela a oferta monetária.

Nessa análise do papel do banco central no processo de criação de moeda, mantendo a ideia central de que o banco cria base monetária quando adquire activos e depois, quando os paga, cria passivos monetários. Em Angola, mais frequentemente a Autoridade monetária socorre-se das operações de mercado aberto (Carvalho et al., 2012).

1.3 Operações De Mercado Aberto

Uma operação típica de mercado aberto: o banco central compra de um banco comercial um título de dívida pública e paga por ele determinado valor, um milhão de Kwanzas, por exemplo. O banco central deposita o pagamento na conta que o banco comercial tem no banco central, lançando nela um abono de um milhão de kwanzas; assim o passivo monetário a sua rubrica activos de caixa, uma das componentes da base monetária aumenta um milhão. Desse modo o banco comercial aumenta suas reservas em um milhão de kwanzas, quantia que a principio permanece depositada no banco central, mas que pode ser utilizada para fazer pagamentos a outros bancos, ou ser convertida em moeda em especie. Ou seja, o exemplo exposto permite-nos apresentar o conceito de operações de mercado aberto da seguinte forma: Vendendo ou comprando títulos do governo no mercado aberto, o banco central pode reduzir ou aumentar as reservas dos bancos, (Lopes et al., 2000).

Segundo Gazier (2013), para a maior parte das economias, essas operações de mercado aberto, constituem o instrumento estabilizador mais importante de que um banco dispõe.

1.4 O Controle Monetário da Inflação e as Consequências da Aplicação da Teoria Quantitativa da Moeda

Quando a autoridade monetária tenta pisar no freio monetário, os bancos não têm como ampliar o crédito.

Singer (1983), diz que todo mundo, evidentemente, gostaria que a inflação acabasse — mas não às suas custas. Cada vez, então, que se tentou aplicar o chamado “remédio monetário”, cada vez que se tentou realmente conter a inflação tirando o oxigênio da economia, de facto a inflação caiu, mas à custa de uma brutal recessão. Pinochet⁴ fez isso no Chile, mas o produto nacional chileno caiu 20% durante vários anos e o desemprego naquele país alcançou 1/4 da força de trabalho. O preço social e o preço económico para acabar com a inflação pisando no freio monetário, reduzindo a massa de meios de pagamento, são enormes.

Ainda Singer (1983), diz que quem controla M, não é só o governo, obviamente que melhor do que uma outra entidade isolada, o governo tem mais poder que lhe permitirá executar melhor aquela função. Mas a pergunta, que os monetaristas esqueceram-se de fazer, é: Será que este control é total?

É aqui, onde começa aparecer o argumento dos estruturalistas. Em algumas circunstâncias o governo gostaria que o M crescesse e ele não cresce. Quando há uma crise muito forte na economia, como já aconteceu nos anos 30⁵ quando a economia mundial mergulhou na grande depressão⁶, o governo punha dinheiro nos bancos, mas estes não tinham a quem emprestar, porque se produzia muito pouco, se vendia muito pouco e por isso não havia necessidade de se tomar mais dinheiro emprestado. E o dinheiro ficava dormindo nos bancos. O que mostra que não é verdade que o governo possa fazer com o M o que ele quiser. Mas, numa situação de inflação em que ninguém guarda dinheiro (quando os preços sobem sempre, e portanto o valor da moeda está sempre decrescendo, guardar dinheiro é uma loucura), a possibilidade que o governo tem de reduzir ou aumentar o volume de moeda é considerável. A posição dos chamados monetaristas é bastante simples: se há inflação, a culpa é das autoridades monetárias, que são frouxas, que não têm moral e estão emitindo cruzeiros à vontade ou

⁴General Augusto Pinochet (1973-1990), que concedeu um poder quase absoluto a um grupo de jovens economistas – liderados pelo superministro Sergio de Castro – para aplicar, ainda na década de 70, o primeiro grande “choque neoliberal” do mundo. Este transformou o Chile num verdadeiro “laboratório de experimentação” e numa espécie de “modelo de exportação” e propaganda das políticas e reformas liberais defendidas pela “Escola de Chicago”, que era o templo mundial do ultraliberalismo económico naquela época.

⁵ Grande Depressão, 24 de Outubro de 1929, quinta feira negra.

⁶ 1929 Queda da bolsa de valores de New York, estados unidos da América

estão deixando os bancos multiplicarem exageradamente os depósitos bancários, ou estão injectando dinheiro no open market. A responsabilidade pela inflação seria sempre das autoridades monetárias. Essa é a tese dos monetaristas, que uma série de economistas renomadíssimos defende. Segundo essa tese, se o governo quiser, ele acaba com a inflação em curto prazo. Basta segurar o M, basta tomar medidas de restrição ao crédito, impedir que os bancos multipliquem os depósitos, obrigá-los a depositar no Banco Central maior proporção de cada novo depósito, recolher dinheiro através do open market, não emitir mais cruzeiros, (Paul Singer, 1983).

Ainda o mesmo autor (1983), continua sua abordagem, dizendo que, porém, isto não é sempre verdade. Quando o governo começa a querer reduzir o ritmo de expansão de M (sem falar, sequer, em reduzir o volume de M), todo mundo começa a reclamar: os comerciantes, os industriais, os agricultores. Começa a surgir tensões entre os agentes económicos que cresce aceleradamente. Porque a expansão de M em ritmo menor do que P estrangula a vida económica num país capitalista. O crédito é o oxigénio de que vive a acumulação de capital. Para formar estoques ou ampliar a capacidade produtiva, os empresários recorrem ao crédito. Se este se contrai, a acumulação para. Os preços não crescem por causa do M, mas por outras razões: fundamentalmente porque a economia capitalista não é planeada. É uma economia que funciona através de trocas, em que oferta e demanda se ajustam por um processo de tentativa e erro, como aliás a teoria elementar do mercado. Então, necessariamente surgem discrepâncias, desequilíbrios que formam os chamados pontos de estrangulamento. A economia capitalista não pode ser planeada, à medida em que cada pequeno, médio e grande empresário é muito cioso da sua autonomia, da sua liberdade de iniciativa, do seu direito de comprar ou não comprar, aumentar ou não a produção, empregar ou não mais gente. Sendo assim, a economia funciona um pouco ao acaso, ao sabor das circunstâncias, dando lugar a movimentos especulativos.

Krishna (2003), no sentido de fazer eclarecer melhor a perspectiva de Singer apresenta um exemplo: Normalmente, mesmo numa crise— sempre tem uma parte da população que tem muito dinheiro e que não quer que esse dinheiro se desvalorize —, compram “bens reais”, apartamentos, casas, terrenos, ou no bens essenciais de consumo, etc. como reserva de valor. Face a esse aumento da demanda especulativa, a construção civil, que esteve até então mais ou menos amortecida, passa a aumentar o número de lançamentos de prédios de apartamentos e de escritórios. Mas, os ramos que sustentam a indústria de construção, a fabricação de cimento, de telhas, de cal etc., não está preparada para isso. Então, de repente, pode faltar cimento. E o preço do cimento começa a subir. O aumento do preço de cimento tem por função aumentar o lucro das fábricas de cimento para que possam acumular capitais e aumentar sua produção. O tempo todo coisas assim acontecem numa economia que cresce. Quando ela está mais ou menos estagnada, situações como essa são mais raras porque as relações entre os vários mercados permanecem estabilizadas. Mas numa economia que se desenvolve e que se diversifica, como a brasileira, onde estão surgindo novos ramos industriais o tempo todo, e se passa a produzir coisas que antes se importavam, é altamente provável, para não dizer inevitável, que surjam desequilíbrios intersectoriais, pontos de estrangulamento, que só após algum tempo vão ser resolvidos. Mesmo no caso de Angola, que não é uma economia desenvolvida nem diversificada, dependente das exportações de um único produto, ainda assim a alteração do preço deste gera também para a economia do país um choque de oferta, na medida em que criará seriam interrupções na cadeia de produção e abastecimento de muitas indústrias locais, devido a falta de matérias primas, que no curto prazo, não existem medidas para fazer face a escassez de divisas para importar, resultando em subida de preços. Os preços aumentam por pressões do lado real da economia, e não do lado monetário. Depois que os preços já subiram os comerciantes, os agricultores, os industriais que precisam de moeda para transacionar mercadorias com o preço aumentado vão aos bancos retirar mais dinheiro. Ou seja, nesse caso pode-se dizer que a expansão monetária acompanhou os preços, mas não foi causa dele.

2. A ESPIRAL PREÇOS-SALÁRIOS

Inegavelmente há uma relação entre preços e moeda. Mas não é correto afirmar que é o combustível monetário que causa o incêndio da inflação. É exactamente o contrário, são as contradições da anarquia de mercado, de uma economia não planeada como sustentaram os clássicos que geralmente levam os preços para cima e, como resultado, impõem a expansão correspondente do volume de meios de pagamento. Quando a oferta de moeda não está sintonizada com os preços, há uma crise. É aqui que se impõe a arte e criatividade dos fazedores da política monetária sobretudo no aspecto de compreender a realidade e dinâmicas do próprio mercado para saber onde actuar, ou seja, tirar os olhos apenas das variáveis monetárias e compreender acima de tudo o

comportamento das variáveis reais de uma economia para o correcto posicionamento, daí a necessidade de andarem juntas as instituições que lidam com a política monetária e aquelas que lidam com a política fiscal, sendo por isso mesmo ambas chamadas de autoridades monetárias.

Singer (1983), diz que uma inflação de 5% é uma coisa, uma inflação de 50% é outra. O nível a partir do qual a inflação se torna intolerável é objeto de muitas divergências entre os economistas. É provável que cada economia nacional, devido à sua própria experiência histórica, tenha uma tolerância específica à inflação.

Segundo Vainer e Viera (2017), os Estados Unidos da América, não toleram inflação de dois dígitos; até 9% vai tudo bem, quando ela chega a 10% começa a haver sérias tensões e o perigo de que os 10% acabem por se transformar rapidamente numa inflação de 100%, porque os operários não esperam para exigir aumento dos salários, as empresas aumentam imediatamente os preços e isso pode gerar uma bola de neve de aumentos seguidos, e cada vez maiores.

O facto é que conter monetariamente a inflação não é solução, pois logo depois ela ressurgiu. O ideal seria que com a inflação se pudesse viver e ir crescendo. Mas não é o que acontece. A inflação praticamente adia o ajuste de contas, isto é, permite que a economia continue crescendo por mais algum tempo, apesar de suas contradições, até que a inflação seja tão alta e imprevisível que atrapalhe o cálculo económico dos empresários.

2.1 Remédio para Inflação em Angola no Quadro do Covid-19

Enquanto autoridade monetária, cabe ao BNA se pronunciar sobre este fenómeno da inflação em Angola, e o faz por meio do seu comité de política monetária, que começará primeiramente por analisar dados históricos para posterior decisão.

Segundo o relatório da Inflação do BNA, durante o mês de Fevereiro o país apresentou um índice ao Consumidor Nacional (IPCN) divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) uma variação mensal de 1,72%, abaixo da registada no mês anterior (2,05%), resultando numa variação homóloga de 18,74%, acima da observada em igual período de 2019 (17,95%). A classe de alimentação e bebidas não alcoólicas continua a ser o principal factor de pressão sobre os preços na economia, tendo contribuído com 56,79%, o que de certa forma é preocupante na medida em que afecta significativamente o bolso das famílias, sobre tudo a classe média.

A Base Monetária em Moeda Nacional, variável operacional da política monetária, influenciada pelo efeito líquido das operações do Tesouro Nacional, expandiu Kz 133,49 mil milhões (9,26%), face à contracção de 9,09% registada no mês de Janeiro de 2020. A expansão da Base Monetária reflectiu-se no aumento das reservas bancárias em moeda nacional em Kz 138,40 mil milhões (14,40%), sendo que as notas e moedas em circulação contraíram em Kz 4,91 mil milhões (1,02%).

No mercado monetário interbancário, foram transaccionados Kz 722,16 mil milhões, representando uma diminuição de Kz 73,56 mil milhões (9,24%) face ao período anterior. A LUIBOR na maturidade *overnight* que se situava em 19,98% no mês de Janeiro de 2020, reduziu para 16,94% em 27 de Março.

O mesmo relatório diz ainda que o agregado monetário M2 em moeda nacional, que congrega a totalidade dos depósitos bancários em moeda nacional e as notas e moedas em poder do público, contraiu 6,24% em relação ao nível observado em Janeiro de 2020, tendo passado de Kz 4,94 biliões para Kz 4,64 biliões. Esta diminuição reflectiu-se nos depósitos que contraíram em Kz 299,21 mil milhões e nas notas e moedas em poder do público que contraíram em Kz 9,18 mil milhões. O stock das notas e moedas em poder do público passou de Kz 368,00 mil milhões em Janeiro de 2020 para Kz 358,82 mil milhões em Fevereiro.

O *stock* do crédito em moeda nacional situou-se em Kz 3,5 biliões, o que representa uma contracção mensal de 0,38%, face ao aumento de 1,78% observado no mês de Janeiro.

O mesmo relatório referiu ainda que o BNA vendeu USD 1,29 mil milhões aos bancos comerciais nos dois primeiros meses de 2020. Os montantes vendidos foram repartidos em USD 813,64 milhões em Janeiro e USD 472,33 milhões em Fevereiro.

Em função deste cenário e diagnóstico realizado e identificado na economia nacional, sobretudo no seu aspecto monetário, relacionando-a as consequências da covid-19 para a economia nacional, que cenário o BNA propõe para controlar a subida generalizada, persistente e contínua de preços?

Assim, o comité de política monetária do BNA reunido no dia 27 de Março de 2020 propõe as seguintes medidas:

- Manter a taxa básica de Juro, Taxa BNA, em 15,5%;
- Manter a taxa de juro da facilidade permanente de absorção de liquidez, com maturidade overnight em 0%;
- Reduzir a taxa de juro da facilidade permanente de absorção de liquidez, com maturidade de sete dias, de 10% para 7%;
- Manter em 22% e 15% os coeficientes de reservas obrigatórias para moeda nacional e estrangeira, respectivamente;
- Estabelecer uma linha de liquidez com valor máximo de 100 mil milhões de Kwanzas para a aquisição de títulos públicos em posse de sociedades não-financeiras;

3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE POLÍTICA MONETÁRIA

A operacionalidade da Política monetária exige que seja feita uma combinação perfeita dos instrumentos de política monetária. Na perseguição do seu objectivo, o BNA pode usar medidas puramente monetárias, como medidas de carácter prudencial. No caso da lista apresentada acima, pode-se dizer que todas elas são de carácter monetário, o que de facto nos permite aprofundar sobre seu enquadramento monetarista ou estruturalista, e seu impacto na estabilização dos preços em Angola, período pós Covid-19.

O período em análise ficou fundamentalmente marcado pela manutenção da Taxa BNA 15,5% e pela decisão do Comité de Política Monetária (CPM) do BNA em manter a Taxa de Juro da Facilidade Permanente de Absorção de Liquidez em 0%. Essencialmente, tais medidas foram sustentadas pelo facto da inflação homóloga continuar com a sua trajectória crescente no mês de março de 2020, bem como pela evolução da Base Monetária em moeda nacional, variável operacional da política monetária; factos que obrigaram o comité de política monetária a não alterar esses indicadores, na verdade, deixando-os quase sem saída, na medida em que a crise gerada pelo coronavirus deixa fraco o empresariado nacional, exigindo da banca uma resposta, e do outro lado uma inflação que não para de aumentar e certamente não deverá subir aqueles indicadores, por outro lado uma redução afundaria ainda mais as famílias, na medida em que contribuiria na análise monetarista para o agravamento da inflação.

O argumento apresentado acima, encontra sustentação, quando analisamos o próprio conceito de taxa BNA. Segundo Carvalho Et. all. (2012), a taxa BNA sinaliza o mercado sobre a orientação da Política Monetária influenciando a estrutura das taxas de juro do sistema bancário ao mesmo tempo que realiza a gestão da liquidez do sistema. Ou seja, o mesmo seria dizer que uma redução desta taxa de forma geral significa maior liquidez para o sistema e um aumento desta taxa o BNA estaria a reduzir a liquidez, quando ela se mantém a princípio o BNA deseja manter o nível de liquidez e de crédito.

Outra medida de política monetária, é Reduzir a taxa de juro da facilidade permanente de absorção de liquidez, com maturidade de sete dias, de 10% para 7%; Como entender essa medida?

Taxa de juro de facilidade permanente de Absorção de liquidez são depósitos contituídos pelas instituições Bancárias junto do BNA, sem garantia destinados a absorver liquidez pelo prazo overnight sem limites para os montantes depositados. A taxa de juro desta facilidade é a taxa básica do BNA menos um spread e estabelece um limite mínimo para as taxas de juro overnight. Por esse caminho espera-se alguma alteração na taxa de inflação, ou preservação do valor da moeda nacional. Ou seja, o BNA ao reduzir a taxa de absorção de liquidez no prazo de sete dias, está de facto a permitir um maior acesso aos seus recursos para fazerem face as solicitações do público, sobretudo aqueles que procuram a moeda para efeitos de transação, com isso esperando-se um maior nível de transações na economia, aumentando-se o rendimento, e se nada alterar posteriormente se reflectirá essa medida em aumento de preços, ou seja mais inflação (Carvalho et.all, 2012).

Uma outra medida adoptada consiste em Manter em 22% e 15% os coeficientes de reservas obrigatórias para moeda nacional e estrangeira, respectivamente; Por essa via o BNA mantém o nível de reservas obrigatórias, e consequentemente manter o coeficiente monetário, não alterar o multiplicador monetário.

Por fim, uma última medida, tem haver com operações de mercado aberto, onde basicamente o banco central aparece com uma medida monetária expansionista, onde pretende injectar moeda na economia por meio de aquisição de títulos públicos no valor máximo de 100 mil milhões de Kwanzas. Uma medida como essa afecta o M da nossa equação, e se todos os outros pressupostos não alterarem teremos então mais um aumento dos preços.

CONCLUSÃO

De forma geral, olhando para as medidas que foram apresentadas, de forma geral pode-se dizer que o remédio monetário aplicado na economia angolana sobretudo nesse período de Covid-19, tal receita encontra raízes na abordagem dos monetaristas, ou seja medidas puramente monetarias. O que quer dizer que o BNA olha a inflação como um problema monetário, e como tal recorre a medidas cujo objectivo último é aumentar o M para combater a inflação. Todavia tal, como apresentado na revisão da literatura tais medidas se refletirão ainda mais na subida de preços, o que se espera que a rubrica de alimentos e bebidas verá os seus preços ainda mais agravados caso outras medidas não forem adoptadas para combater os efeitos negativos desta política.

Em suma pode-se dizer, que de facto, no caso angolano, olhar a inflação como um problema unicamente monetário, as consequências de tais medidas podem ser drásticas, na medida em que parte significativa desta inflação depende da taxa de câmbio, ou seja o quanto Kwanza é apreciado ou depreciado pelas forças do próprio mercado, de lembrar que Angola é um país sem diversificação, o que corresponde a dizer que não existe quase que nenhuma produção interna, daí o instituto nacional de estatística de Angola ter apresentado um nível de inflação mais alto para a rubrica de alimentos e bebidas, ou seja os bens da cesta básica têm os seus preços cada vez mais altos, na medida em que não existe oferta interna, e como tais produtos devem ser importados cada vez mais caro, fruto da depreciação da moeda nacional, o que acabará por se reflectir mais tarde nos preços a serem praticados no mercado interno. Olhando para esse cenário, pode-se dizer que os 100 mil milhões do mercado aberto, fruto da grande depreciação do Kwanza que se espera, quase que não terá efeito nenhum nos preços, na medida em que este valor no fundo vem apenas para aliviar o efeito negativo de desvalorização dos rendimentos, bem como a pressão que o público exercerá juntos dos bancos comerciais no sentido de se fazer levantamento dos seus fundos para se fazer as transações; outra interpretação resulta do facto de que taxas de inflação altas promovem gastos e despesas cada vez mais altas das famílias, na medida em que ninguém deseja manter a moeda como reserva de valor, dado que a mesma perde valor todos os dias.

Isso nos remete de facto a olhar para abordagem dos estruturalistas que apontam aqui as condições do próprio mercado e a sua influência na subida de preços, o que de facto nos permite responder a pergunta de pesquisa, que o remédio monetário para a economia angolana deveria ser aquele que resulta de uma compreensão do fenómeno combinando as abordagens monetaristas com as abordagens estruturalistas.

REFERÊNCIAS

BNA. Disponível em: https://www.bna.ao/Conteudos/Artigos/detalhe_artigo.aspx?idc=175&idl=1&idi=16773
Acesso em: 22 de abril de 2020 as 16h45

BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/John-Kenneth-Galbraith>. Acesso em: 22 de Abril de 2020, as 17h30.

CARVALHO L. José, SANTOS D.E.Martine, MASSALA K.D.Leonardo. Determinantes da Inflação em Angola. Editor: Departamento de Estudos Económico -Banco Nacional de Angola, Luanda:Angola, 2012.

DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley; Startz, Richard.Macroeconomia. 10ª edição. São Paulo: McGraw Hill, 2009.

FRIEDMAN Milton. Capitalismo e Liberdade, Chicago: University of Chicago Press, 1982.

GALBRAITH, J.K. La crise économique de 1929. Paris: Payot, 1961

GAZIER Bernard. A Crise de 1929. Brasil: Porto Alegre, 2013

JONES, Charles I. Introdução à Teoria do Crescimento Económico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KRISHNA A. Dutt, JAIME R. Duttand (2003) Development Economics and Structuralist Macroeconomics: Essays in honor of Lance Taylor, Edward Elgar, p. 55.

LOPES, Luiz Martins. VASCONCELOS, Marco Antonio Sandoval de. Manual de Macroeconomia: nível básico e nível intermediário. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2000.

MANKIWI, N. Gregory. Macroeconomia. 6ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MOCHÓN Francisco. Principios de Economia. São Paulo: Pearson, 2006

ROSSETI, José Paschoal. Introdução à Economia. 20ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

SIMONSEN, Mario Henrique; Cysne, Rubens Penha. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

SINGER, Paul. Aprender Economia, 1ªed, editora brasiliense, brasil: 1983

WIKIPÉDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ra%C3%BAI_Prebisch. Acesso em: 22 de Abril de 2020, as 17h55.

WIKIPÉDIA. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton_Friedman. Acesso em: 22 de Abril de 2020, as 17h40.

VAINER Carlos, VIEIRA B. Flávia. Grupos económicos, sector público e sociedade civil. Editora Garamond ltd, Rio de janeiro, 2017.

VICECONTI, Paulo Eduardo Vichez; NEVES, Silvério das. Introdução à Economia. 5ª edição. São Paulo: Frase Editora, 2002.